



UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES

CURSO DE TEATRO

TRAVESSIA

LUIZA PIZARRO

TEXTO E ESCRITURA

CECILIA GUSMÃO WELLISCH

Rio de Janeiro

2015

*O real não está na saída nem na chegada: ele se
dispõe pra gente é no meio da travessia.*

João Guimarães Rosa

TRAVESSIA

Luiza Pizarro

Personagens

A MULHER
O HOMEM
VOZ
OS HOMENS

Cenário

Interior de um trem. Da janela, vê-se a paisagem: projetam-se imagens da partida na estação antiga, das ruas à noite e suas luzes, dos postes de iluminação elétrica, dos arranha-céus, da boemia, das personagens anônimas da cidade.

Luz

Sobre o palco escuro, incide uma iluminação intensa, branca e muito clara, em linha que tende para o infinito, como um corredor sem fim, delimitando o interior do trem.

Som

Os diálogos são entrecortados por ruídos vindos do exterior e por vozes em off das personagens. As aspas sinalizam estas falas-citações emitidas por meio de gravações digitais.

Travessia

(A MULHER e O HOMEM estão sentados no vagão de um trem vazio, como dois desconhecidos. Não trocam olhares. Seus assentos são diametralmente opostos, sendo o dele localizado à frente. VOZ é apenas uma voz digital, destas gravações que orientam o embarque e o desembarque dos passageiros)

VOZ (off) “A cidade está vazia. Esquecemos a cidade. Suas ruas são trilhos para ir e vir. Nunca estar. Na plataforma, um trem parte. No trem, uma menina. A menina tem medo. Lá fora, a cidade é deserta. Nesta noite, ela vai a uma festa pela primeira vez. O homem a sua frente é quem a conduz. Mesmo de costas para ela, ele consegue sentir o seu medo. O papel deste homem é estar atento a tudo a sua volta e fazer com que tudo ocorra como planejado. Esta jovem nunca havia visto a cidade. Assim como todos os meninos e meninas da sua idade. O homem fala com ela e conta que já sentiu o medo que está sentindo. Na verdade, ela mesma já sentiu esse medo”.

A MULHER (as palavras emitidas pela atriz em cena confundem-se com a sua voz off, ou seja: voz e off sobrepostos, não sincronizados) “Nuvem. Névoa”.

VOZ (off) “(Ela) atravessou as montanhas”.

A MULHER A travessia, ora. A travessia... Não. Eu não desisto. Apenas me sufocava o ar rarefeito das nuvens. E os algodões que, estranhamente, ainda me entupiam as narinas. (Voz e off sobrepostos, não sincronizados) “Estava só”. Lembrei-me de uma voz ao longe... Não pude evitar. Escutar. Não escutei. A vertigem... Branca. Ácida. Como um leito espumoso a estrangular a fonética de outrora. Abismo. Neblina. Cálice de tempestade entrando pela boca torpe. Formigas. Zumbido de borboletas e... Moscas azuis. Lá embaixo, árvores cavalgadas pelo vento selvagem. Tudo ficando branco. E. (pausa) Silêncio.

VOZ (off) “(Ela), agora, é uma estrela errante. Incendiando rumo ao norte. Abraçando as sombras dos desfiladeiros. Por que tanto tempo para descer uma encosta? Atingir um ponto distante...”.

A MULHER (Voz e off sobrepostos, não sincronizados) “Penso medir tudo com alguns passos”. A voz... Aquieto a intrusa dentro do meu rosto côncavo. Cabe bastante vento aqui dentro, senhor! Dentro das caixas de ressonância da minha face. Mas este ir e vir sem fim... (Voz e off sobrepostos, não sincronizados) “Depois, a névoa e o nevoeiro e o vapor da floresta. E nuvens relinham. Fui tomada de um medo indizível neste nada. Estava no vazio...”. Estou no vazio. (Voz e off sobrepostos, não sincronizados) “E surge e despeja e rasga o azul”.

VOZ (off) “A escuridão havia chegado. Céu e terra fundiram-se numa só coisa. Era como se, atrás dela, algo a seguisse. Como se a loucura a perseguisse a galope. E o vento se cala. (silêncio) Do fundo do precipício um repicar de sinos”.

A MULHER Pus os pés no interior do mundo. Mas o arremesso... Roguei que fossem uns poucos tropeços dos calçados em contato com o solo apenas! Quem sabe como os de um turista a fotografar fotografáveis quaisquer? Mas o arremesso foi de um corpo inteiro. É de um corpo inteiro. Há muito, perdi a noção do tempo. Só sinto que dos meus solados se esvai a minha velha terra realista demais... E que toda aquela imensidão para cima! para cima! é destruidora frente ao infinitesimal homem. Sinto-me sufocar ao contemplar a minha vítima estrangulada. Eu sou a vítima estrangulada? Ah, se eu lhe contasse... Um dia, minha boca cor de rosa fora. Por estes calçados que não mais tocam o solo! Mas lábios. Não os tenho mais para descrever. O tempo me arrancou os precários orifícios com os quais costumava narrar fábulas, manipular títeres, adornar enredos... Talvez, seja por isso que o grito me falte. (pausa) *(Voz e off sobrepostos, não sincronizados)* “Fiz bem de partir e me despedir de tudo aquilo que dá nome ao homem. Desincumbi-me de esboçar uma alma, de narrar uma história, de adquirir competência e de entrar no percurso das alienações. Agradeço o vento esquivo que me varreu do mundo. Ele me deu a perplexidade e o olho sem pálpebra e um coração abissal para ressoar a imensidão da noite sem resposta”.

VOZ *(off)* “A escuridão havia chegado. Julgava que devia haver uma infinita sensação de deleite por ser tocada por toda e qualquer forma dessa vida peculiar. Ter alma para pedras, metais, água e plantas. E todos os picos de montanhas”.

A MULHER Finalmente, ouço vozes. *(Ruído da chegada do trem na estação. A projeção de imagens é interrompida)*

(Irrupção de uma música caótica e crescente. A Mulher e O Homem levantam-se de seus assentos e se põem a traçar, aceleradamente, linhas retas com os seus passos. Eventualmente, esbarram-se e pedem desculpas, como se se batessem de peito aberto e respondessem a esse estímulo com suas neuroses, repetida e automaticamente. Ainda que não se vejam. A iluminação branca vai se apagando, até que as personagens parem de costas uma para a outra, mantendo certa distância, e dois focos amarelados incidem sobre elas)

O HOMEM *(off)* Me ocorreram muitas coisas para dizer. Dessa vez, foi bem difícil cortar o texto e procurar apenas o necessário. Pois bem...

A MULHER *(off)* Não entendo.

O HOMEM *(off)* O que não entende?

A MULHER *(off)* Não entendo o seu propósito. Agora. Depois de tanto tempo...

O HOMEM *(off)* Nem eu entendi. Estava meio bêbado quando enviei. Quer dizer, na hora fazia sentido, mas agora acho que não vale a pena. Bom, ainda tem um monte de coisa que eu poderia dizer, mas. *(silêncio)* Arrisco dizer algo...

A MULHER (off) Vamos fazer o seguinte? Pera. O telefone está tocando. Preciso ir.

O HOMEM (off) Talvez esses novos caminhos que a vida tem lhe oferecido sejam mais interessantes a experimentar do que os velhos de hábito. “Agora eu fui foda, não?”

A MULHER (off) kkkkkk. “Mais furioso, atrevido... ;)”

O HOMEM (off) Precisa mesmo ir? Sabe que pode ficar.

A MULHER (off) Sim, preciso.

O HOMEM (off) No fim, uma decepção se iguala à outra, não é verdade?

A MULHER (off) Você está muito enigmático... Suas falas parecem trechos dos meus textos... ahuahuahua. Plagiarei um dia.

O HOMEM (off) Estou tentando me comunicar com você de um jeito que me entenda... Coisa que nunca fez muito bem até hoje, eu acho. Mas tudo bem, ao menos eu sei que nunca fui honesto com você.

A MULHER (off) Honesto?

O HOMEM (off) Desonesto. (silêncio)

A MULHER (off) Nunca fui desonesta com você, repito. Sinto vontade de estar perto... Cheiro, pele, gosto. Já consigo separar as coisas. De fato, não era... Não foi... Nunca foi. Nem conhecia você direito, nem conheço. O que sinto é que, hoje, não pretendo mais...

O HOMEM (off) Não pretende...

A MULHER (off) Controlar as coisas.

O HOMEM (off) Desculpe, me irritei um pouco com o seu lado cômico que resolveu aparecer nesse momento oportuno. Existem várias coisas que eu poderia dizer...

A MULHER (A Mulher e O Homem viram-se um para o outro) Quietos. Seria perda... As palavras. Não entendemos nada, mas... estamos sempre buscando... Nomes, rótulos, categorias... buscando atribuir sentido... O meu sentido está na carne, nas entranhas, no arrepio. Sentimos coisas, cacete! Quando se entendem as histórias é porque foram mal contadas. (pausa) Escuta.

(Silêncio)

A MULHER Eu queria me esconder dentro de você, porque...

(Toca o telefone. Ainda olhando para O Homem, A Mulher pega o celular em tempo lento. Um áudio de linha cruzada irrompe como paisagem sonora, tomando o espaço. A luz abre-se, iluminado todo o palco. Os dois caminham, um em direção ao outro, olhando-se fixamente, mas ela cruza sem se virar para trás. Black out. Um novo foco de luz ilumina O Homem, que permanece no palco. Desta vez, sem direção. Outros focos incidem sobre Os Homens que estão vestidos exatamente como o primeiro. Espremidos em suas paralisias, experimentam um gesto repetidamente e suas qualidades)

O HOMEM 1 E o homem sentiu o medo que contou ter sentido quando a viu pela primeira vez, naquele vagão vazio de trem. O mesmo medo...

O HOMEM 2 Engraçado... Somos todos oriundos de um mesmo abismo uterino. Com a diferença impressa já no primeiro impulso dado pelo recém-nascido, que o faz tender para um fim.

O HOMEM 3 Ele sentiu frio e viu a luz. Aquele espaço. A cidade em profundo caos e desordem. O peso do próprio corpo sob o arremesso de um mundo hostil, cinzento, apoteótico.

A VOZ *(Aparece no palco vestida exatamente como O Homem. Voz e off sobrepostos, não sincronizados)* “O homem sorri. Percebe que esteve diante de uma convidada rara. Uma convidada especial”.

Fim

AUTORA *(off) Depois do fim: o exercício resulta de uma colagem de fragmentos retirados de trabalhos do coletivo teatral “28 patas furiosas”, cuja operação de “samplear” - ou mesmo de “invadir corpos” - é assumida pela autora sob uma perspectiva particular, sem qualquer compromisso com as abordagens dos textos originais.*